

A LÍNGUA PORTUGUESA NO ORIENTE (SÉC. XVI-XVIII)

Os descobrimentos portugueses despoletaram variadas formas de intercâmbio cultural entre o Ocidente e o Oriente, sendo a expansão da língua portuguesa um dos factos mais importantes a registar. Entre estes dois fenómenos há uma relação de causa-efeito. Pretendemos apresentar aqui alguns testemunhos desta expansão, nos séculos XVI-XVIII, na Ásia. A preocupação cultural nunca esteve ausente desta epopeia e constituiu mesmo um móbil essencial da mesma. Assim, já em 1504, eram enviados professores para o Congo, e em 1512 Afonso de Albuquerque fundava em Cochim a primeira escola portuguesa na Índia com 100 crianças munidas de cartilhas para aprender a ler e escrever.

A expansão da língua portuguesa é certamente o resultado tanto da colonização, por parte dos diplomatas e exploradores, como da Missão, por parte das Igrejas. Porém, não podemos esquecer os comerciantes, que foram frequentemente um dos veículos mais eficazes da implantação da língua portuguesa no Oriente e até da Missão. E quase sempre chegaram primeiro que os políticos e que os missionários. Deste modo, o português tornara-se, não somente a língua do povo, mas também da diplomacia, da pregação do Evangelho e do comércio. Interessam-nos, como é natural, sobretudo testemunhos estrangeiros.

A LÍNGUA PORTUGUESA LEGADO EUROPEU AO ORIENTE

Se a recuperação das colónias portuguesas —perdidas depois que a Espanha governou Portugal, entre 1580-1640— parecia uma quimera, ficava a Portugal a secreta mas firme esperança da sobrevivência da religião católica e da língua portuguesa. Estas duas componentes da *portugalidade*, que andaram sempre de mãos dadas, constituíam um prolongamento efectivo de Portugal no tempo, para além da decrepitude do Império português, que se

adivinjava. A melhor maneira de abrir estas breves páginas sobre a língua portuguesa no Oriente será com um testemunho do categorizado Jaime Cortesão: «Às missões, e mais que a nenhuma outra, à dos jesuítas, se deve quase tudo aquilo com que os portugueses contribuíram para a acção propriamente civilizadora na Ásia, durante esta época [séculos XVI-XVII], não esquecendo a continuação dos descobrimentos e a sua valorização científica, prolongados agora no interior dos continentes...»¹.

Por isso, já em 1536 o Padre Fernão de Oliveira afirmava categoricamente: «Não trabalhemos em língua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com boas doutrinas, que a possamos ensinar a muitas outras gentes e sempre seremos delas louvados e amados, porque a semelhança é causa do amor, e mais em as línguas»². Prova de que estas profecias se cumpririam no século seguinte é, por exemplo, o facto de a língua portuguesa se ter tornado a língua oficial de Ceilão. Assim, o «Rajá Singa Raju Potentíssimo Emperador de Ceilão» dirige-se aos holandeses, em 1660, na língua dos antigos colonizadores da Ilha, ou seja, o português³. Por isso, o governador

1 JAIME CORTESÃO, *História da Expansão Portuguesa*, em *Obras Completas* (Lisboa, s.d.) 266. Sobre a bibliografia que os missionários utilizavam, ver José Manuel CORREIA, *Missionação*, em *Os Portugueses no Malabar-1498-1580* (Lisboa, s.d.) 145-147. Sobre a missão dos jesuítas na Índia, ver Maria de Deus MANSO, *A Sociedade Indiana e as Estratégias Missionárias (1542-1622)*, em *Portuguese Studies Review*, 1-2, (New Hampshire 2001) 321-333.

2 FERNÃO DE OLIVEIRA, Pe., *Gramática da Linguagem Portuguesa*, 1536. A *Gramática* de João de Barros (1496-1570), também é de 1536. Sobre obras editadas nas missões portuguesas dessa altura, ver BOXER, *The Church Militant and Iberian Expansion-1440-1770* (Baltimore and London 1978) 41-45.

3 Ver *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (Lisboa 25ª série 1907) 25-192. Há aqui dez cartas em português do imperador para os holandeses (p. 29-42); as cartas XI-XX, p. 76-85, no nº 2; cartas XXI-XXVI, nas p.128-132, no nº 3; as cartas XA e XXIVA, nas p. 167-192, por David Lopes. Segundo Filipe BALDAEUS, durante as lutas de portugueses e holandeses em Ceilão, o Secretário de Rajá Singa escreve ao general holandês estas significativas palavras: «This day, 22nd March, his imperial Majesty having sent for me, ordered the Letter writ [sic] in Portuguese to be translated in to Dutch, to be send among other to your Excellency» (*A true and exact Description of the most celebrated East-India Coasts of Malabar and Coromandel, as also of the Isle of Ceylon, by Philip Baldaeus, Minister of the Word of God in Ceylon, translated from High-Dutch, printed at Amsterdam, 1672*, III (London 1752) 781. A propósito da «rivalidade» entre portugueses e holandeses, Boxer afirma: «Apart for

holandês de Ceilão afirmava em 1704 que, quem falasse português na Ilha, podia fazer-se entender em qualquer parte da mesma.

Na sua *Gramática da língua Portuguesa*, João de Barros tinha já dado o mote a respeito da importância da expansão da língua portuguesa⁴. A afirmação do estudioso da nossa língua, Schuchardt, traduz e resume bem o que pretendemos aqui apresentar a este propósito:

«A história dos descobrimentos e das conquistas portuguesas é também, em geral, a história da propagação da língua portuguesa»; e Mons. Dalgado acrescenta: «Falava-se português, puro ou crioulezado, por toda a Índia, na Malásia, em Pegu, no Bramá, em Ceilão, em Tonquim, na Cochinchina, na China, em Comorão da Pérsia, em Baçora da Turquia [no actual Iraque], em Meca da Arábia. E falavam-no não somente os portugueses e os seus descendentes, mas hindus, maometanos, judeus, malaios e os próprios europeus doutras nacionalidades entre si, e com os indígenas. Serviam-se dele os missionários holandeses nos seus domínios e ainda hoje o empregam os ministros protestantes ingleses na ilha de Ceilão. Era, pois, por longo tempo, a língua franca do Oriente» (p. XX da sua obra)⁵. Por

straightforward fighting and diplomatic chicanery, there is another aspect of 17th-century Luso-Dutch rivalry which disserves a brief mention here. This was the struggle between the two languages, and in this the Portuguese easily bore away the palm. Since the overseas expansion of Europe was pioneered by the Portuguese, their language likewise became the lingua-franca of most of the coastal belt which they opened to Europe trade and enterprise on both sides of the globe» (BOXER, C., *Portuguese and Dutch colonial Rivalry, 1641-1661*, em *Studia* 2, (Lisboa 1958) 37. Seguidamente dá exemplos concretos em diferentes partes do mundo.

4 «Certo he que não á hy gloria que se possa comparar a quando os minimos Ethiopas, Persianos, indos daquém e dalém do Gange, em suas próprias terras, na força de seus templos e pagodes onde nunca se ouviu nome romano, por esta nossa arte aprenderem a nossa linguagem, com que possam ser doutrinados em os preceitos da nossa fe que nella vam escritos» (em *Dialogo em louvor da nossa linguagem*, em BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (Lisboa 1971) 171; Serafim da Silva NETO, *História da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro 1992); idem, na edição da mesma obra, 1970, para a expansão da língua portuguesa na Ásia, 533-570; Jaime CORTESÃO, *Descobrimientos portugueses* (Lisboa, s/d.) 363-371; *Brotéria*, Lisboa, 2 (1940) 455 e 528-531.

5 Mons. DALGADO é uma das maiores autoridades no estudo da língua portuguesa no Oriente, também porque foi Vigário Geral da Diocese de Colombo, em Ceilão, no início do séc. XX.

isso, ainda em 1877, escrevia o autor de *Memórias de um Soldado da Índia*: «Lá [em Ceilão] se conserva profundamente impresso o cunho da dominação portuguesa. Ainda hoje a nossa língua é o idioma vernáculo das classes médias nas principais cidades. Uma cristandade numerosa atesta o labor evangélico dos frades franciscanos. Nobres modeliares e pobres pescadores guardam com orgulho os nomes e apelidos que seus avós receberam na pia baptismal»⁶. Os autores de *The Bible of Every Land* (séc. XVII) já diziam que «O indo-português é mais ou menos entendido por todas as classes na ilha de Ceilão e por toda a costa da Índia; a sua extrema simplicidade de construção e facilidade de aquisição, tendo-o posto extensamente em uso como um meio de tráfico»⁷.

S. Francisco Xavier escrevia, a este propósito: «Si de nosa Companhia vienem algunos estrangeiros que não saben falar português, hé necesario que aprendan a falar, porque de outro jeto não habrá topaz [intérprete] que os entenda» (Romo, 166). O Apóstolo das Índias indica-nos ainda o tipo de livros, ou «manuais» que se deveriam ler nas escolas: «Ensinar a ler e escrever os filhos dos portuguezes, e ensina'los a rezar *as oras de N. Senhora, os sete psalmos, e oras de finados* polas almas de seus pais. Por lá, como V.M. sabe, tudo é ler por feitos, e os filhos dos portuguezes, lendo por feitos e mais feitos de Mallaca, ficam feitos malaquazes»⁸.

Os próprios holandeses levavam sempre nos seus barcos intérpretes para a língua portuguesa. Na sua *I Voyage de Siam*, o

6 *Memórias de um Soldado da Índia*, compiladas de um manuscrito português do Museu Britânico, por A. de S. S. COSTA LOBO (Lisboa 1877) 101-102.

7 SAMUEL BAGSTER & SONS, *The Bible of Every Land*, London; citado em DALGADO, *Glossário...*, I, XVII.

8 E. J. A. ROMO, *Los Escritos Portugueses de San Francisco Xavier* (Braga, 2002), 167. Esta necessidade de textos vai dar origem às cartilhas escolares para uso das escolas, tanto na Índia como no Japão. Este mesmo autor fala de *A 'lusitanisação' de S. Francisco Xavier e dos seus companheiros espanhóis (1540-1552)*, em Brotéria, Dezembro de 1998, p. 565-580. O próprio Xavier se apresenta como português: «*Vamos três portuguezes e trez (sic) japães*» (ib., p. 578). E noutro lugar: «E como ellos no me entendiesen, ni yo a ellos, por ser su lengua natural malavar y la mia bizcaína, ayunté los que entr'ellos eran más sabidores, y busqué personas que entendiesen *nuestra lengua* y suia de ellos». O tipo de literatura aqui recomendada por Xavier era, de facto, a predominante entre os católicos dessa época, impedidos de ler o texto da Bíblia directamente.

Padre Tachard afirma, em 1686, que os jesuítas franceses falaram em português, «que era a língua mais corrente no país», com o Governador-Geral holandês de Batávia [actual Jakarta] e também no Sião⁹. Aqui, o discurso do embaixador da França ao rei do Sião é traduzido para português.

Poder-se-ia dizer que, nessa altura, o português era a língua internacional do Oriente, como o testemunha também Alexandre Hamilton (*A new account of the East Indies*, Londres, 1744), declarando que não pôde encontrar uma pessoa em 10.000 habitantes da Índia que fosse capaz de falar suficientemente inglês; e que, pelo contrário, os Portugueses deixaram ao longo das costas vestígios da sua língua, apesar de muito corrompida; ela era a língua que a maior parte dos europeus aprendiam para comunicarem uns com os outros, assim como com os habitantes locais.

OBRAS IMPRESSAS EM PORTUGUÊS NO ORIENTE: TRANQUEBAR E BATÁVIA

Um dos factos mais marcantes da presença da língua portuguesa no Oriente foi a tipografia. A impressão de obras, tanto para o ensino como para a Missão foi obra tanto de Católicos — sobretudo de Jesuítas — como de Protestantes¹⁰. Daí, «a long series of publications in Portuguese appeared either in Holland or in Batavia itself: translations of the Bible (by *Joan Ferreira d'Almeyda*), of catechisms, regulations, sermons of one of the works by the great

9 Já durante a passagem da sua embaixada pelo Cabo, o P. Tachard afirma: «Le Père de Fontenay, à qui dans cette occasion je servais d'interprète en portugais, voyant de si heureuses dispositions [dos holandeses], dit à monsieur le Commissaire Général que nous étions six jésuites qui allons aux Indes et à la Chine». Respondeu o Comissário: «Vous nous ferez le plus grand plaisir du monde, mes Pères, nous dit-il en portugais, de venir vous delasser à terre; nous ferons tout ce que nous pourrons pour contribuer à vous remettre de vos fatigues» (*Voyage à Siam*, p. 58-59; ver p. 74, em que um chefe local se dirige ao P. Fontenay em português).

10 Só de católicos, C. BOXER apresenta 38 obras impressas, na sua «*A Tentative check-list of Indo-Portuguese Imprints*», em *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. IX (Paris 1975) 567-599.

Protestant writer *Marnix van St Aldegonde*, vocabularies, etc.¹¹. Fabrício, citando outros autores, deixa-nos o testemunho da língua e obras portuguesas em Batávia¹².

A propósito dos livros impressos em *Tranquebar*, na Costa de Coromandel, dizem Francken e Freylinghausen: «A Companhia Dinamarquesa da Índia Oriental faz o seu comércio com aqueles povos da costa de Coromandel na língua portuguesa, para o que, não somente os dinamarqueses a aprendem a falar, mas fazem imprimir nela livros»¹³. A missão de Tranquebar expande-se para Cuddalore e para outras comunidades portuguesas católicas, que estes novos pastores tentam levar para o rebanho do luteranismo, a partir de 1737: «Ziegenbalg had preached in that neighbourhood in 1710, in 1717 Gründler had begun a Tamil and *Portuguese school* there, which Ziegenbalg visited in 1718, preached in the neighbouring villages (...), but it did not succeed» (Fenger, o.c., p. 143).

É relativamente abundante a literatura portuguesa editada na missão protestante de Tranquebar, na Costa de Coromandel, escrita

11 Ver A. J. Bernet KEMPERS, *Portuguese and 'Portuguese' in Old Batavia*, em *Im Memoriam António Jorge Dias*, Separata do vol. I (Lisboa 1974) 239.

12 Na «Apologia religionis Batavorum contra Stupium» (p. 267), afirma que «La Compagnie des Indes Orientales y a fait prêché l'Évangile, non seulement en flamand, mais aussi en langue Portugaise et Indienne. Ils y ont fait venir des Bibles portugaises et plusieurs livres de piété en langue portugaise et indienne et ils catéchisent en ces deux langues» (Fabrício, p. 587). E continua: «Dans la ville de Batavia, qui est la capitale de la Compagnie, et comme l'Académie, aussi bien que la résidence du général, l'on catéchise toutes les semaines huit à neuf fois, en langue indienne et portugaise (...). Et sachez que la Compagnie, pour l'entretien du ministère dans les Indes, fait des dépens qui montent, tous les ans, à plus de soixante mille écus» (Fabrício, p. 588).

13 Em *Der Königlich Danischen Missionarien aus Ost-Indien eingewandter ausführlicher Berichten*, IV (Haia 1733) 893; citado em *A Bem da Língua Portuguesa*, O.c., 190. Em *Cambridge History of the Bible*, encontramos também uma referência a um tradutor de Tranquebar: «A beginning was also made on the languages of Índia by another Danish missionary, Ziegenbalg, who completed the *New Testament* in Tamul in 1715» (*ib.*, III, 385); ver igualmente FENGER, *History of Tranquebar Mission* (Tranquebar 1863) 38: «Ziegenbalg was glad to be able to begin the translation of the New Testament by the end of the year 1708...». Sobre as obras portuguesas aqui impressas, ver DAVID LOPES, *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII* (Barcelos 1936) 147-188.

pelos missionários dinamarqueses e alemães desta missão protestante luterana. Muita desta literatura é completamente ignorada pelas bibliotecas portuguesas, mesmo pela Biblioteca Nacional de Lisboa.

«Os missionários evangélicos [de Tranquebar (...)] começaram, pois, no dia 15 de Julho [de 1706] a estudar as línguas portuguesas da Europa e das Índias. Para conhecerem o português da Europa e se aperfeiçoarem nele, mandaram vir uma gramática de Batávia; mas o português das Índias, aprenderam-no nas relações e convívio com os indivíduos que o falavam (...). Por isso, os nossos missionários, no fim de alguns meses já sabiam falar as duas línguas portuguesas e puderam pregar nelas». «Nota: Como a língua portuguesa é há mais de dois séculos muito usada nas Índias, os missionários entenderam que deviam aprendê-la em primeiro lugar para poderem fazer-se compreender dos pagãos malabares que, na sua maioria, a entendem e falam, posto que de modo muito corrompido»¹⁴. Um outro documento de 1787 reza assim: «...Nos nossos estabelecimentos [franceses], os negócios são geralmente tratados com os naturais e mesmo com as nações europeias por meio da gíria portuguesa, de que acabo de falar»¹⁵.

Também é importante a obra tipográfica dos holandeses em *Batávia*. Aí se editaram várias obras polémicas e bíblicas de Almeida, além de algumas traduções, que David Lopes enumera, pelo que nos dispensamos de as repetir aqui¹⁶. Sobre obras portuguesas impressas na Índia, temos ainda outra opinião de Baldaeus: «I have seen divers books printed with the Portuguese

14 NIECAMP, *Histoire de la Mission danoise dans les Indes Orientales* (Genebra 1745) II, 3 (tradução do alemão; citação de DAVID LOPES, *O.c.*, 58; em *A Bem da Língua Portuguesa*, X, 190). A Gazeta de Lisboa deu conta da presença da língua portuguesa em Tranquebar e do «comércio, o qual fazem [os dinamarqueses] com aquelles povos da Costa de Coromandel, na lingua Portugueza, para o que não somente os Dinamarquezes aprendem a falar, mas fazem imprimir nela livros, e ganham tanto a vontade dos Portugueses que têm actualmente 202 moradores nas terras da sua jurisdição» (*Gazeta de Lisboa*, 1729, 25 de Agosto, p.318).

15 ANQUETIL DU PERRON, *Recherches historiques et Géographiques sur l'Inde*, II, p.XII-XIII da *Description historique et géographique de l'Inde* (Berlim, 1787). Citação em DAVID LOPES, 60-61.

16 Ver DAVID LOPES, *O.c.*, 105-145.

characters, in the Malabar language for the instruction of Parruas, one whereof I keep by me to this day (...). So that I have met with some of the Parruas who spoke as good Portuguese as they do at Lisbon» (cap. XVIII, p. 631)¹⁷. E mais adiante, ao falar dos Parruas e de Tuticorim: «They generally speak Portuguese and are an active fort of people» (cap. XLVIII, p. 717)¹⁸.

O PORTUGUÊS *CRIOULIZADO*

Ainda hoje é marcante a presença do português nas línguas orientais. Assim, uns 155 termos ficaram na língua malaia, «a quase totalidade das palavras de procedência europeia, cabendo ao holandês, língua do povo dominador, uma parte mínima e ao inglês uma parte insignificante» (David Lopes, p. 78 e seguintes)¹⁹. A

17 Sobre a evangelização dos Parruas por S. Francisco Xavier, será interessante referir o testemunho de Baldaeus, que tentou, com o português Almeida, levá-los para o calvinismo, sem êxito (cap. XXI, p.645). E afirma, a propósito, não sem um tom azedo e «anti-paista»: «In the year 1661, I was ordered to take a journey from Tuticorin to Coulang to visit the churches allong the sea-shore and endeavour to introduce the Reformation there; but my endeavours proved ineffectual by reason of the great number of popish priests yet remaining in the country». Seguidamente, queixa-se de que, apesar de falar em português, não conseguiu atrair ninguém para o calvinismo. É então que narra também o insucesso do nosso português Almeida naquelas paragens, onde chegou depois de Baldaeus (*O.c.*, 648).

18 E afirma que o português é mais importante para as missões calvinistas nessa região do que o holandês: «It is beyond all dispute that the Low Dutch tongue is not so proper to propagate our Religion there as the Malabar and Portuguese; and frequently, that the ministers of the Gospel sent into these parts should rather apply themselves to these languages than to impose their own upon the new converts» (*O.c.*, 793).

19 Sobre a influência do português nas línguas do Oriente, ver por exemplo, FOKKER, *O elemento português na língua malaia*, Revista Lusitana, 1903-1904, VIII, p. 1-4; GONÇALVES VIANA, *Vocabulário malaio derivado do português*, ibidem, p. 4-28; Mons. Sebastião Rudolfo DALGADO, *Influência do vocabulário português em línguas Asiáticas* (Lisboa 1913); ID., *Glossário Luso-Asiático* (Coimbra 1919), (A-L, 1919; M-Z, ib., 1921). Esta é uma obra essencial para compreender a mestiçagem do português com outras línguas do Oriente. Para isso, o vol. II apresenta-nos um Índice de termos e um Apêndice. Sobre Mons. Dalgado, ver Fernando V. PEIXOTO DA FONSECA, *A Influência do português nas línguas estrangeiras*, em *A Bem da Língua*

expansão da língua portuguesa no Oriente (e noutras partes do mundo) levou à criação de *crioulos portugueses* locais, como adaptações diferentes da língua portuguesa de Portugal²⁰. Estes crioulos diferem uns dos outros, «consoante o grau de influência das línguas formativas e do português padrão»²¹. Este crioulo permaneceu como língua franca e da diplomacia até ao fim do séc. XIX, ou seja, ainda durante o império Inglês. A palavra «português» não tinha um sentido apenas genético, mas também cultural. A expressão para se referir aos «portugueses» tem todo o interesse acerca da coabitação com outras raças, mas também certamente com

Portuguesa, X (Lisboa 1959) 118-191 e 210-218 e Margarida CORREIA LACERDA, *Os Estudos linguísticos Indo-Portugueses de Mons. Dalgado*, em II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa (Lisboa 1985) 147-154; na p.152 há uma lista dos crioulos asiáticos por ele estudados. Ver ainda Aristide MARRE, em *Notice sur la langue portugaise dans l'Inde française et en Malaisie*, em *Annales de l'Extrême-Orient*, 1881, afirma: «Le portugais est parlé par une partie de la population de l'Inde française» e descobre no francês local muitos vocábulos portugueses: «*argamasse, aldée, loge, paillasse, varanda, poial*»; J. C. TH. HEYLIGERS, *Traces de portugais dans les principales langues des Indes Néerlandaises* (La Haye 1889); nas p. 55-59, apresenta-nos uma enorme lista de «*Mots de langues polynésiennes tirés du portugais*». Mais bibliografia sobre este assunto em DAVID LOPES, *O.c.*, 77-103. Sobre Mons. Dalgado, ver Revista da Fac. De Letras de Lisboa, t. I, p.11-28. Por seu lado, o lusófilo Georges LE GENTIL escreve na sua *Littérature Portugaise* (Paris 1935) 56: «Leur vocabulaire a fourni un grand nombre de termes —Mons Dalgado en a dressé le compte exact— aux langues de familles aryenne, dravidique, indo-chinoise, malaio-polynésique. De cette action qui s'est prolongée beaucoup plus longtemps que leur hégémonie, il reste des traces dans l'arabe, le japonais, l'indo-anglais, l'indo-français, l'indo-chinois. C'est aux portugais, d'autre part, que nous devons les premières grammaires, les premiers dictionnaires des langues indigènes (tamoul, concani, bengali, cinghalais, annamite, etc.). On les verra même au Brésil, transformer la *língua geral* (le tupi-guarani) en instrument de propagande. Ils ont rassemblé, en outre, une immense documentation sur les itinéraires, les climats et les mœurs qui (...) va se répandre en Europe».

20 Assim se exprime Serafim da Silva Neto: «Nas feitorias, o contacto é ainda espaçado e vacilante: propicia a formação de uma língua franca intermediária. Nas fazendas, o contacto é íntimo e decisivo: proporciona a formação do crioulo como instrumento único de colonização. Nas colónias, a situação é bem mais complexa, pois se estabelece uma camada de elite branca» (*História...*, *O. c.*, p. 430-431; ver p. 436). Ver Kenneth David JACKSON, *O Folclore do Crioulo Português da Índia e do Sri Lanka* (Ceilão) em *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, I, Lisboa 1985.

21 JACKSON, *O Folclore*, *O.c.*, 340.

a religião católica²². Depois explica o que são estes *Portuguese*²³. Ouçamos ainda um texto de uma das nossas fontes mais recentes, de 1843, referente ao português da Costa de Coromandel:

«A língua portuguesa era, assim, o meio de comunicação entre os europeus e os naturais [da costa de Coromandel], porque poucos daqueles poderiam falar tâmul e muitos destes, especialmente os que tinham nascido ou tinham sido trazidos para as casas dos europeus, falavam português desde a infância e conheciam muito pouco da língua materna»²⁴. Quando, em 1833, os Americanos fazem um tratado com o reino do Sião, vêem-se obrigados a fazê-lo em inglês e... português. Mas em 1687, o primeiro-ministro do Sião escreve aos franceses em português uma carta a que o Padre Tachard se refere na sua «*Second Voyage à Siam*» (p. 199 e 204). O autor do documento, em que se insere esta carta, confessa que «les missionnaires français, d'ailleurs très hostiles au Portugal, reconnaissait, vers 1674, que le portugais est, à peu près, la seule langue européenne qui soit répandue en Orient»²⁵.

22 FENGER, *O.c.*, p. 25.

23 *Id.*, *ib.*, p. 27-28.

24 FENGER, *History of the Tranquebar Mission worked on from the original papers*, 27. Na p. 35 acrescenta que «the first baptism took place in May 1707, when five slaves who could speak Portugueses were baptized in Zion Church, after undergoing an examination». Esta era a igreja onde actuava o missionário Plütschau, que era o encarregado da missão portuguesa de Tranquebar; a outra era a «Nova Jerusalém», para as outras raças e línguas, sobretudo tâmul. A partir de 1707, a pregação era feita aos domingos nestas duas línguas principais, para as quais traduziram também o Ritual Dinamarquês (p. 36-37): «In this Church there are many different congregations, so on account of their different languages, it has been necessary to divide even the little folk (...) into the Portuguese and Tamul congregations» (p. 80). Mais tarde, foi Gründler que se ocupou da comunidade portuguesa (p. 52).

25 *Arquivo Histórico Português*, vol. I, nº 9 (Lisboa 1903) 308-314, sobretudo 311-314. Aqui se diz que, já em 1662, havia no Sião «près de deux mille catholiques, presque tous 'portugais', avec un quartier spécial et deux églises. Le capitaine de la nation portugaise le reçut fort bien et prit le soin de lui trouver un logement » [a um delegado francês] (p. 309).

GUERRA DOS HOLANDESES À LÍNGUA PORTUGUESA

A proeminência da língua portuguesa em pleno império holandês feria demasiado o orgulho batavo, para que eles continuassem a permitir tal domínio. Abundam os documentos escritos que o comprovam. Limitamo-nos, por exemplo, ao insuspeito «*Oud Batávia*»:

«As medidas que o Governo de Batávia tomou no séc. XVII para favorecer o uso da língua holandesa não deram o resultado desejado. Pelo contrário, os próprios holandeses se viram obrigados a falar a língua portuguesa em casa com as suas mulheres mestiças, com as suas criadas e com os seus escravos; e o mais interessante é que achavam isto natural, pois, como o Governo confessava em 1674 com graça, ‘os Holandeses consideravam uma grande honra saberem falar uma língua estrangeira’ (...). Naquela época predominava a língua portuguesa, de tal modo que a falavam até os escravos oriundos das ilhas de Bali e das Célebes...»²⁶. Ora, em vez do holandês dominar o português, como o pretendiam os holandeses no Oriente, foi o holandês que recebeu uma certa quantidade de vocábulos portugueses —umas duzentas palavras e locuções— como o demonstrou Haan na citada obra.

A força do português era tal que os holandeses tiveram que fazer decretos e tomar medidas contra ela, o que aconteceu em 1641, 1676, 1713, 1777, 1778, 1786, 1788. (David Lopes, p. 106). Em 1634, constatam que, em plena Batávia, o português é ainda mais

26 F. de HAAN, *Oud Batavia*, Batávia, I, § 965; texto citado em *A Bem da Língua Portuguesa*, X,190-191, e em DAVID LOPES, 67-76, e na *Revista Lusitana*, XII (Lisboa 1909) 150, n.1. Este autor cita a obra *Priangan*, II, Batávia, 1911, p. 771-782 de F. de Haan. G. HUET relata-nos o conteúdo de uma carta de 1674 enviada pelo Governador-Geral Maetsuyker e pelo Conselho das Índias aos Directores da Companhia em Amesterdão. Aí dão conta dos esforços vãos que têm feito para erradicar a língua portuguesa e incrementar a holandesa. No entanto, o português ganhava cada vez mais adeptos, devido à estupidez dos próprios holandeses que preferiam falar uma língua estrangeira, por mais corrompida que ela fosse, em detrimento da sua língua materna. Com os escravos, falavam apenas em português, «ainda que a maior parte destes escravos fossem originários do Oriente e que esta língua fosse para eles completamente nova» (DE HAAN, *Opkomst van bet Nederl. gezag in Oost-Indie*, VI, 125; ver HUET, *O. c.*, 169-170).

conhecido que o malaio, língua materna das pessoas da região, e permitem que os pastores protestantes ensinem a catequese em português e puguem em português. O núcleo da comunidade portuguesa de Batávia era constituído pelos chamados *mardijkers*, ou seja, escravos libertos de várias origens, que tinham sido obrigados a ser protestantes (David Lopes, 107). O Governo holandês avisa-os de que, se quisessem ser oficiais nas Companhias onde estavam inseridos, deveriam falar holandês; mas isso não deu qualquer resultado; pelo contrário, o número dos que falavam português aumentava cada vez mais (Ib., p. 108). O português irá acabar, não com leis, mas com a degeneração e «crioulização», que o descaracterizou completamente, integrando-se progressivamente na língua da região, o malaio, e no holandês, língua oficial²⁷.

Interessantíssima é a defesa da língua portuguesa feita por dois colaboradores na Bíblia portuguesa de J. Ferreira de Almeida, os pastores calvinistas de Batávia, Jacobus op den Akker e Augustus Tornton, em 12 de Março de 1707²⁸.

27 Um inspector holandês de escolas (ainda entre 1817-1826) ficou admirado por ter encontrado 50 alunos «portugueses» (*mardijkers*), que já liam bastante bem o holandês (KEMPERS, *O.c.*, 240). O desaparecimento gradual da língua portuguesa vê-se ainda pelo papel que as companhias de soldados «portugueses» desempenharam em Batávia, entre 1628-1680: o seu número cresceu de duas para seis; enquanto, no século seguinte, o seu número baixou de seis para quatro e depois de quatro para duas, até desaparecer totalmente (KEMPERS, 240).

28 Este episódio foi escrito por VALENTIJN, em *Oud eu Nieuw Oost-India* (Dordrecht 1724) IV, 2, 101s. HUET, G., *La Communauté Portugaise de Batavia*, em *Revista Lusitana*, XII (Lisboa nº 3-4, 1909) 151-161, traduziu do holandês para francês; ver DAVID LOPES, *O.c.* 109-112. O documento dos pastores malaios leva como título (em francês, segundo a tradução de Huet): «Courtes remarques, concernant la fusion du service malais et du service portugais dans les mêmes églises, rédigées et remises à Sa Seigneurie, le très noble Seigneur Jean van Hoorn, Gouverneur Général, et aux Nobles Seigneurs Conseillers de l'Inde Néerlandaise, par les prédicateurs Van der Vorm et Hermanus Colddehorn», 30 de Janeiro de 1708. A este documento dos pastores «malaios», responderam os «pastores de língua portuguesa», dirigindo-se aos «Vénérables, Pieux, Très Savants Seigneurs», isto é, aos «Nobles Seigneurs» que tinham recebido o documento dos pastores malaios. No fim da tradução do documento, G. Huet faz um comentário em que afirma: «Dans tous ces pays asiatiques (Cap de Bonne Espérance, comptoirs de Perse, Surate, côte de Coromandel, Malabar, Ceylan, Malacca, Indo-Chine), la langue portugaise était, depuis deux siècles, sous une forme grammaticale ou simplifiée, la langue dominante, au moins sur les côtes et dans les

Um dos argumentos destes pastores «c'est que la communauté portugaise de Batavia ne se rattache pas à une communauté qui y aurait été fondée jadis par les portugais; en effet, il ne semble pas que les Portugais du temps de leur hégémonie dans l'Archipel, aient jamais eu un établissement permanente à Djakarta, devenu plus tard Batavia (...)...l'importance du portugais comme *lingua franca* dans la partie de l'Asie continentale où la Compagnie avait des établissements»²⁹. Este incremento da língua portuguesa na Ásia, a que se referem os dois insuspeitos pastores calvinistas, deve-se ao fenómeno tipicamente português da mestiçagem. É que o português não tem tendências racistas, como acontecia com outros povos europeus³⁰.

ports. On comprend très bien que les familles hollandaises qui venaient de ces pays à Batavia, et y amenaient leurs esclaves avec elles, eussent l'habitude d'y parler avec ces esclaves un portugais plus ou moins grammatical ou altéré » (*ib.*, p. 161; sobre os costumes e pessoas que falavam esta língua em Batávia, ver p. 162-163). Actualmente —ou seja no princípio do século passado— o português ficou reduzido a um crioulo na aldeia de Tugu, de que se tem falado muito, mas que, talvez por isso, foram dispersos por outras cidades. Sobre esta comunidade, ver *ib.*, p. 164-168, com bibliografia; KEMPERS, *Portuguese, O.c.*, 241-242, com origem do nome *Tugu*. São os restos dos «portugueses» para quais pregava o português J. Ferreira de Almeida e para os quais traduziu a Bíblia: «Ces 'portugais', ces Chrétiens de la ville basse, sont les descendants directs de l'ancienne population du vieux Batavia» (*ib.*, 168). Este facto é devido a que os holandeses não permitiam que esses escravos, ou ex-escravos, estrangeiros vivessem no espaço que ficava dentro das muralhas, que estava reservado aos holandeses e às classes altas. Os primeiros eram chamados «portugueses pretos»; tinham a sua «Gereja Sion» (corruptela de igreja); os «portugueses brancos» tinham a sua igreja dentro das muralhas. Sobre esta comunidade e sua igreja católica da Santa Cruz, assim como o seu dialecto, ver HEUKEN, *Historical Sites*, o.c., p. 127-138.

29 Ver *Ib.*, 163. Depois deste primeiro esforço em reduzir a importância da língua portuguesa em Batávia, em 1712 (segundo van Troostenburg de Bruyn, p. 17), a comunidade 'portuguesa' tinha ainda umas 4.000 pessoas, aumentava umas 200 por ano e tinha três pregadores da língua portuguesa. Em 1770, ainda aí estavam as duas igrejas de língua portuguesa, descritas por Valentijn; mas a comunidade portuguesa tinha perdido importância (HUET, *O.c.*, p. 163-164). Outros golpes holandeses foram desferidos em 1777, 1778, 1786 e 1788, segundo HAAN, *O.c.*, 42 e 57; ver HUET, *O.c.*, 169.

30 Sobre o fenómeno do «mestiçamento», nos territórios por onde passaram os portugueses, ver A. A. MENDES CORRÊA, em *Congresso do Mundo Português*, XIV (Lisboa 1940) 123-125; sobre os efeitos da mestiçagem para a língua portuguesa, ver

Não podemos deixar no olvido um testemunho insuspeito de Dubbeldam (p. 7), a favor da língua portuguesa da Bíblia de João Ferreira de Almeida: «Durante todo o tempo da Companhia, o português manteve-se nas Índias, e em vários lugares era preciso que os pastores tivessem conhecimento desta língua. Parece que, principalmente em Ceilão, esse conhecimento foi mais difundido; mas também em Batávia se celebrou, até 1808 o serviço divino, em uma das igrejas em língua portuguesa. Sentiu-se em breve a necessidade de se possuir uma versão da Bíblia em português; porém era preciso usar a língua com cuidado especial, pois a Companhia, desde o princípio, intentava contrariar as influências portuguesas, dado que era Portugal o seu mais perigoso adversário e concorrente no Arquipélago. Sob o ponto de vista político era, assim, desejável expelir o português, mas isso não era possível em toda a parte, e os pastores sempre alegavam que, sendo o português a língua dos missionários e dos cristãos católicos, devíamos ensinar o Evangelho em português»³¹.

Apesar da guerra que os holandeses lhe moveram, o português foi língua falada em Batávia, capital do império Holandês do Oriente, durante dois séculos; e, durante um século, a mais falada de todas³².

Serafim da SILVA NETO, *História da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro, 1970), 534-536.

31 Van DUBELDDAM, *De Gereformeerde Kerken in Nederland en de Zeending in Oost-Indie in de dagen der Oost-Indische Compagnie* (As igrejas reformadas nos Países Baixos e as suas missões nas Índias Orientais no tempo da «Companhia das Índias Orientais»), (Utrecht 1906); trad. port. de Eduardo Moreira, em *O Defensor da Verdade*, (Lisboa 1928) 7-8. Ver DAVID LOPES, O. c., p. 63-64.

32 Ver DAVID LOPES, O.c., 114. A propósito da influência do português na língua malaia, que era a língua da região onde se situava Batávia, capital do império holandês no Oriente, temos também um testemunho holandês, que aponta as causas da superioridade do português sobre o holandês: «Comparando-se a influência da língua holandesa na malaia à da portuguesa, fica-se surpreendido ainda mais da superioridade desta última. Nós, holandeses, mantemos com o povo malaio relações que podem considerar-se três vezes mais duradouras que as dos portugueses; contudo, a quantidade de palavras nossas por ele adoptadas pode avaliar-se talvez em metade das portuguesas. O nosso idioma é demasiado duro para os malaios o pronunciarem bem, ao passo que o português é muito próprio para ser emitido pelos órgãos vocais, um tanto preguiçosos, daquele povo; isto prova-se claramente pela feição que os malaios deram às palavras adoptadas, a qual ainda hoje se

A MISTIÇAGEM PORTUGUESA

A importância da língua portuguesa no Oriente depende de variados factores, que não analisamos aqui; no entanto, não podemos esquecer que isso se deve sobretudo ao facto de os portugueses não terem preconceitos raciais, o que favoreceu os casamentos entre portugueses e outros povos colonizados. Deste modo, os casamentos com portugueses e a religião dos portugueses foram factores marcantes para ser «português». A propósito disto, o insuspeito viajante holandês van Schouten dizia em meados do séc. XVII: «Os Portugueses são mais lisonjeiros e insinuantes e, deste modo, captam muito mais a confiança dos Índios do que os Holandeses, que são mais frios e de maneiras menos atraentes»³³. Isso levava a um modo de ser, de se comportar, de falar e até de vestir, que muito contribuía para o aportuguesamento dos indígenas³⁴. A cor da pele ou o lugar de nascimento eram factores

conserva a mesma, ou apenas com leves modificações» (LUÍS CHAVES, *O Português em Ceilão, Revista de Portugal*, vol. V, *Língua Portuguesa* (Lisboa 1913) 82. O testemunho é do Dr. Fokker, *Revista Lusitana*, vol. VIII, 1903-1905). O Dr. Fokker acrescenta que é «notável que quase todas essas palavras [portuguesas adoptadas pelos malaio] ainda hoje se usem com a significação primitiva, fenómeno que, como se sabe, nem sempre se dá quando várias línguas estão em contacto entre si». E acrescenta: «Assim, no malaio, as palavras provindas do sânscrito perdem muitas vezes a significação primeira, como também grande número de palavras árabes» (*Ib.*, 1-2). Esta língua, que perdurou ao longo dos séculos, é rica sobretudo em vocabulário religioso. Assim, o crioulo português de Ceilão manteve-se até ao séc. XX numa parte da sua população; era nela que se pregava, se recitavam Salmos, nas igrejas católicas, luteranas e outras.

33 Em LUÍS DE MATOS, *O Português — Língua franca no Oriente*, em *As Províncias do Oriente* (Lisboa 1966-67) 19-20; F. PEIXOTO DA FONSECA, *Noções de História da Língua Portuguesa*, Liv. Clássica Ed. (Lisboa 1959) 136-151.

34 «In the colonial epoch the attitude of the Portuguese, according to widespread views (...), was not biased by racial prejudices. The main differences were based on the antithesis of Christendom and non-Christendom religions, first of all Islam. Once a 'Moor' or 'Gentile' had accepted Christianity, he himself tended to become more closely connected with the Portuguese since he was automatically isolated from his former community. The Portuguese, for their part, no longer objected to recognizing Asiatic and their likes as persons of more or less equal kind. Since only few women were brought from Portugal to Eastern countries, the menfolk found no difficulty in marrying indigenous girls and in giving their name to their dark-coloured children as well as to any autochthon who had accepted baptism, or

secundários deste processo. Daí, o nascimento de uma camada populacional de Batávia, que tinha um estatuto com uma certa autonomia, o seu bairro e a sua igreja; eram os chamados «portugueses pretos»³⁵. Muitos deles eram simplesmente prisioneiros de guerra, vindos das colónias portuguesas conquistadas pelos holandeses em todo o Oriente, sobretudo de Malaca. Muitos destes «portugueses» serviam agora os novos senhores da guerra e seguiam até a sua religião, pelo que constituíam o grosso da paróquia portuguesa do português João Ferreira de Almeida e de outros pastores calvinistas que, mais tarde, ocuparam o seu lugar³⁶. A língua portuguesa, ou, mais correctamente, um crioulo português era a língua desta camada da população e um elemento importante da sua identificação. Mas o português invadia outras classes das populações locais, mesmo as casas dos senhores holandeses, que

again to emancipated slaves whose blood did not contain any trace of Portuguese descent» (KEMPERS, *Portuguese, O.c.*, 234; quanto ao comportamento externo, ver *ib.*, 236-238). Sabe-se que os holandeses não favoreciam este sistema de mestiçagem e contrariavam-no, até (*ib.*, 236).

35 «The Portuguese language was thus the medium of communication between the Europeans and the Natives, for few Europeans could speak Tamul, and many Natives, especially those who were born or brought up in the houses of Europeans spoke Portuguese from their childhood, and knew but little of their mother tongue. This class gave up the Indian and adopted the European style of dress. They were heathens, unless the Europeans, on whom they were dependent, care to have them baptized. Before the arrival of our Missionaries many hundred had joined the Roman Catholic communion, but many became members of the Portuguese congregation, which the Missionaries founded. Those who were not in the service of Europeans often enlisted as soldiers or sailors. Their colour varied according to their degree of distance from European blood. Those Natives who had adopted the European dress and Portuguese language many generations before they may have descended from an European were called black Portuguese» (FENGER, *O.c.*, 27-28). Ver KEMPERS, *O.c.*, 238-239.

36 Estes «portugueses» eram os chamados «*mardijkers*», ou seja, escravos libertos (do termo malaio *mardika/merdéka*, livre). Outro termo usado era o de *tupas*, de origem indiano (*dubbhasya*; KEMPERS, 235). Os nomes mais frequentes desta população eram portugueses e a sua religião, a católica. Daí, a importância fundamental da religião no aportuguesamento das populações: o patrão ou padrinho católico dava o próprio nome ao que era seu trabalhador ou escravo, ao mesmo que este assumia a religião do seu protector. A prova disto encontra-se também no facto de alguns terem sido baptizados, mais tarde, sob a autoridade dos holandeses, recebendo nomes holandeses.

tinham ao seu serviço estes «portugueses». E, como tratavam dos seus filhos, estes irão também aprender o português, que se torna, frequentemente, a língua de toda a família³⁷. Por isso, os missionários tinham que saber a *língua franca*, ou seja, o português, para poderem anunciar a fé, mesmo os missionários calvinistas holandeses³⁸.

Mas o uso do português na igreja calvinista de Batávia pretendia também sufocar o resto da formação católica em que esta população tinha sido educada e ensinada. Este era certamente um argumento de política religiosa, nada desprezível para o inteligente João Ferreira de Almeida, para além do seu (possível) patriotismo.

Depois de abandonar politicamente essas terras, a língua portuguesa, muitas vezes em forma crioula permaneceu sobretudo em Malaca, Djakarta e Ceilão, «como veículo de contacto linguístico privilegiado por colonizadores, por um lado, e missionários, por outro, na interacção com os indígenas». Um inglês do séc. XVIII, nada deslumbrado com a administração portuguesa dos seus territórios ultramarinos, afirmava: «Causa admiração quão vastas possessões os Portugueses tiveram outrora (...); não obstante isso, eles podem orgulhar-se de terem criado uma espécie de *língua franca* em todos os portos da Índia, muito usada entre os Europeus; sem ela, ser-lhes-ia difícil, em muitas partes, fazerem-se compreender bem»³⁹. E um seu compatriota dizia alguns anos mais tarde: «Eu não pude encontrar uma pessoa que em dez mil habitantes da Índia que fosse capaz de falar suficientemente inglês; e pelo contrário, os Portugueses deixaram ao longo das costas vestígios da sua língua, posto que muito corrompida; ela é a língua que a maior parte dos Europeus aprendem, primeiro para

37 Ver KEMPERS, *O. c.*, 238-239.

38 «Il paraît bien certain que pendant une longue série d'années les prédicateurs de l'Évangile ont prêché en Portugais tant dans l'île de Java qu'ailleurs. Pour preuve, nous nous référons à un auteur des plus connus du 18ème siècle qui, traitant des Indes Orientales, nous dit qu'encore vers la fin du 17ème siècle un traitement plus élevé était réservé aux prédicateurs qui ne prêchaient non seulement en Hollandais mais aussi dans la langue du pays et en Portugais [Valentijn, *Oud en Nieuw Oost-Indiën*, 1724-1726]» (HEYLIGERS, *O. c.*, 13).

39 DAVID LOPES, *O. c.*, 49. Sobre o crioulo de Malaca, ver Alan N. BAXTER, *A Grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)* (Cambera 1988).

comunicarem uns com os outros, assim como os diferentes habitantes da Índia»⁴⁰.

A epopeia de «*Os Lusíadas*», de Luís de Camões (1580) representa a idade adulta da língua lusitana e o ponto alto da literatura de viagens e outra que se inspirou grandemente na epopeia portuguesa dos Descobrimentos do Oriente⁴¹. Por isso, não é de admirar que João Ferreira de Almeida tenha começado por traduzir do espanhol para o português, pois estava-se numa época de clara separação das duas línguas mais importantes da Península Ibérica.

CONCLUSÃO

Como conclusão deste breve estudo, poderíamos tomar as palavras do sábio goês, Mons. Dalgado: «Nenhuma nação colonial tem menos egoísmo de raça e mais tendência à identificação com os indígenas que a portuguesa»⁴². No séc. XXI, cumpriu-se a profecia deste historiador da língua portuguesa no Oriente, quando afirma: «E quando, porventura, pelo perpassar dos séculos, o português não for falado na pátria de Valmíqui e Viássa, contudo os vocábulos da bela língua de Camões, adoptados e naturalizados nos idiomas indígenas, não perecerão jamais, mas perdurarão juntamente com os mesmos idiomas»⁴³. João de Barros não é menos incisivo, quando afirma: «Armas e padrões portugueses, postos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas fora da repartçam das três partes da Terra, materiais são e pode-as o tempo gastar; però não gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem»⁴⁴.

40 *Id., ib.*, 52

41 Ver A. J. SARAIVA e ÓSCAR LOPES, *História da Literatura Portuguesa*, 13ª ed. Atualizada (Lisboa 1995) 305-322.

42 DALGADO, *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas*, em *Academia das Ciências* (Lisboa 1913) XVI.

43 Ver *Dialecto Indo-Português de Ceylão* (Lisboa 1900).

44 Ver *Diálogo em Louvor da Língua*, 405, Ana aula LABORINHO, *A questão da Língua na estratégia da evangelização: as Missões no Japão*, em *O Século Cristão do Japão — Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão (1543-1993)* (Lisboa 1994) 372.

Por tudo isto, podemos dizer que a história da expansão portuguesa na Ásia teve como consequência directa, mais alargada no espaço e no tempo, a expansão da língua portuguesa no mesmo espaço geográfico.

HERCULANO ALVES, OFM Cap
Universidade Católica de Portugal

ABSTRACT

The author develops the idea that the expansion of the Portuguese Empire in the East and the Far East resulted in the subsequent spread of the Portuguese language. This growth is seen in the fact that Portuguese became the official language of Asia in the 16th - 18th centuries, a fact to which many foreign documents testify. The presence of the Portuguese language in Asia was not limited to spoken language, there were also many works printed in Portuguese, from India to Ceylon even as far as Japan. The first translation of the bible into Portuguese, published in Amsterdam, as well as Tranquebar, on the Coromandel Coast by the Portuguese Joao Ferreira of Almeida, merits special mention. The use of the language by the peoples of the Orient, led to a certain decline in Portuguese, seen in the formation of dialects. Some are still spoken today in Asia, especially on the western coast of India and in Malacca.